

O HOMEM E O MONSTRO

Os serial killers *brasileiros e a história de terror da vida real*

MIRROR ONLINE



Em Hollywood, o serial killer ganha o Oscar, como no filme *Silêncio dos inocentes*. Mas os assassinos em série não estão só na televisão

ISADORA BARROS E MARINA TEPEDINO

Mulheres jovens de cabelo escuro, meninos de classe baixa, transsexuais. As principais vítimas de um assassino em série são pessoas em situação de vulnerabilidade, mas que acima de tudo se encaixam em um padrão.

O *serial killer* não é uma invenção hollywoodiana: as histórias estão muito mais perto da realidade do que se pode imaginar. De acordo com o livro *Serial Killer: louco ou cruel* de Ilana Casoy, são confirmados 73 assassinos em série no Brasil. O “Vampiro de Niterói” e o “Maníaco do Parque” são apenas dois exemplos de casos que tomaram conta da mídia brasileira, justamente por agirem nos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo, respectivamente.

“Nem todos os psicopatas se tornam assassinos ou criminosos”

Richard Whiting

Mais do que assassinos, esses criminosos criaram um cenário de insegurança e terror para grande parte da sociedade. Além disso, desafiaram a psicologia e mostraram, para a justiça brasileira, que o encarceramento muitas vezes não é suficiente e nem o melhor tratamento para pessoas capazes de colocar um país inteiro em situação de pânico

O psicopata e o assassino em série

O termo “psicopata” é o primeiro a surgir na hora de caracterizar um *serial killer*. Na realidade, não existe uma indicação de que todos os assassinos em série sofram da psicopatia e muito menos uma razão específica para que alguém seja um psicopata. Para o estudante de Psicologia Forense da Universidade de Birmingham, Richard Whiting, vários fatores complexos são apontados

como causas para o distúrbio: desde um componente genético até uma situação socioeconômica de pobreza extrema.

Segundo Whiting, “a psicopatia é caracterizada por traços como impulsividade, falta de remorso e empatia débil. Há uma clara associação entre as características de um psicopata e os atos de um *serial killer*, mas a psicopatia não é um pré-requisito – alguns assassinos podem ter outro distúrbio mental – e nem todos os psicopatas se tornam assassinos ou criminosos. Existe um consenso que psicopatas são bem difíceis de serem tratados, pois a psicoterapia requer uma relação muito honesta e de confiança com o terapeuta, algo difícil de desenvolver caso se tenha psicopatia” – explica.

O Vampiro de Niterói

Conhecido como o “Vampiro de Niterói”, Marcelo Costa de Andrade escolhia meninos como vítimas. Entre 1991 e 1992, cometeu 14 crimes. Além de matar as crianças, ele também as violentava e bebia seu sangue. Daí o “apelido”.

O “Vampiro de Niterói” atraía as vítimas – geralmente de classe baixa – para uma área deserta, com dinheiro e a desculpa de que participariam de um ritual católico. De acordo com o advogado Felipe Dumans, que trabalhou no escritório que cuidou do caso na época, Marcelo escolhia excluídos sociais, que sequer seriam dados como desaparecidos. Tanto que 13 dos 14 assassinatos só foram descobertos depois que o assassino foi preso.

Marcelo viveu grande parte da sua vida na favela da Rocinha e teve uma infância conturbada, sendo muito maltratado pelos pais. Ainda criança, foi molestado por um homem mais velho. Na visão de Whiting, a situação familiar instável, com a experiência de abuso ou violência, é um dos fatores que pode ter contribuído para a formação do caráter de Marcelo.

Na adolescência, Marcelo começou a se prostituir e assim conheceu o porteiro Antônio Batista Freire, com quem passou a viver e quem o apresentou à Igreja Universal do Reino de Deus. Ele se separou de Antônio, mas não da Igreja. A religião foi um ponto importante no *modus operandi* de Marcelo.

O “Vampiro de Niterói” revelou às autoridades que escolhia meninos, porque certa vez ouviu um



Marcelo Costa de Andrade, mais conhecido como o “Vampiro de Niterói”.

sermão alegando que crianças iam direto para o céu quando morriam. Além disso, tinha o hábito de colecionar fotos e reportagens de menores que sofriam tragédias.

Os assassinatos ocorriam de forma variada: alguns por enforcamento, outros por facadas, ou com pedras. Ao ser preso, Marcelo tinha 25 anos, morava com a mãe e o padrasto em Niterói, e trabalhava com panfletagem em Copacabana, bairro da Zona Sul do Rio de Janeiro. Em seu julgamento, foi condenado como doente mental e cumpre pena em um sanatório. Dumans conta que o sentimento de medo do “Vampiro” era geral em Niterói: “A dificuldade foi mantê-lo vivo porque a polícia não sabia como tratar tal situação. Ele era nitidamente desequilibrado e acabava por deixar todos muito indignados com suas afirmações. O delegado tinha receio de que ele fosse morto na carceragem ou que acabasse matando alguém lá dentro”.

Em seu último crime, Marcelo levou os irmãos Altair Medeiros de Abreu, de 10 anos, e Ivan Medeiros de Abreu, de cinco, para uma praia, onde



Francisco Pereira, o “Maníaco do Parque”, que estuprava e praticava canibalismo com as suas vítimas

violentou e estrangulou o mais novo. Altair conseguiu fugir e denunciou Marcelo às autoridades. Na época, o menino concedeu uma entrevista à Rede Globo. “Ele falou que matou porque queria matar. Achou ele bonito e matou. Eu estou com um medo danado dele”, disse Altair, de costas para as câmeras.

O Maníaco do Parque

Entre 1997 e 1998, tornou-se pública a história do “Maníaco do Parque”. A família e os vizinhos de Francisco de Assis Pereira o conheciam por ser um “alegre aventureiro”. Sua face de maníaco só veio à tona quando foi morar com um travesti na Grande São Paulo. Francisco batia e dava socos no companheiro, mesmo tipo de agressão aplicada nas mulheres que violentou mais tarde.

Os constantes assassinatos fizeram de Francisco um dos homens mais procurados do Brasil na

“Ele era nitidamente desequilibrado e acabava por deixar todos muito indignados com suas afirmações”

Felipe Dumans

década de 1990. O paulista abordava mulheres jovens nas ruas, com a falsa promessa de emprego em uma agência de modelos, e as propunha uma sessão de fotos no meio da natureza. Elas eram convencidas e iam ao Parque do Estado, região de 55 hectares na cidade de São Paulo. No local, Francisco levava as mulheres para o meio da mata, as estuprava e matava por estrangulamento.

Os assassinatos começaram a ser descobertos no dia 4 de julho de 1998: um menino estava na mata do parque à procura da sua pipa e acabou encontrando dois cadáveres em decomposição. A polícia foi avisada e, na investigação, mais dois corpos foram localizados.

Após a análise dos corpos, os investigadores concluíram que as quatro mortes deveriam ter sido cometidas pela mesma pessoa. Eles também associaram ao “Maníaco do Parque” outras

mortes que não haviam sido solucionadas e que seguiam o mesmo padrão: mulheres com cabelos longos e escuros; os corpos despidos e com as pernas abertas, evidenciando que tinham sofrido violência sexual.

Com base nos depoimentos de mulheres que haviam registrado queixas de tentativas de estupro no parque, foi feito um retrato falado do suspeito. E assim, a polícia chegou a Francisco de Assis Pereira.

Depois de preso, o “Maníaco do Parque” disse ter matado nove mulheres. Em seguida, orientado por sua advogada, afirmou ser inocente, mas voltou atrás e confessou que tinha matado 10. O número de vítimas mudou várias vezes, até que, em 2001, Francisco assumiu ter matado 15 mulheres.

Uma característica do assassino que impressionou a polícia e os investigadores foi a capacidade de convencimento. Na época, uma perita da Polícia Civil disse que ele era um homem “inteligentíssimo, com uma fala mansa que convence”.

No ano de 2001, o jornal Folha de S. Paulo publicou uma entrevista exclusiva com Francisco, que fez revelações que chocaram o país. Ele disse que pensava o dia inteiro em “comer mulher”. “Não só sexualmente. Eu tinha vontade de comê-la viva, comer a carne”, acrescentando que tinha prazer ao ver mulheres sentindo dor.

Muitos acreditavam que o “Maníaco do Parque” sofresse de alguma deficiência mental e que não tinha consciência ao cometer seus atos. Entretanto, em avaliação psicológica, o paulista foi considerado imputável, ou seja, com plena capacidade de entender o fato como ilícito e agir de acordo com sua consciência.

Acusado de sete mortes e outros nove estupros, além de roubo e ocultação de cadáver, Francisco teve três julgamentos. No total, foi sentenciado a 271 anos de prisão. No entanto, de acordo com a lei brasileira, ninguém pode ficar mais de 30 anos preso.


A justiça para os *serial killers*

Quando se tornam públicas histórias de assassinos em série em nosso país, surgem muitas

críticas em relação ao tratamento dado a esses criminosos pela justiça brasileira. Nas últimas décadas, avanços significativos foram percebidos na defesa dos direitos fundamentais dos acusados e na forma como os crimes são praticados. Todavia, as técnicas de investigação policial e de processamento dos acusados em crimes de homicídios, não evoluíram com a mesma velocidade.

Segundo a professora de Direito Penal da PUC-Rio e especialista em Criminologia, Victoria Sulocki, a falha da justiça brasileira não está na aplicação das penas. “O maior problema que temos é submeter o agente criminoso à justiça. Principalmente quando as vítimas são de uma classe social mais baixa, o inquérito emperra na delegacia, demora muito. Há um problema de falta de estrutura do Estado para investigação desses crimes recorrentes”.

Com o aumento do número de crimes considerados hediondos e, principalmente, com o fato desses casos estamparem constantemente a capa dos noticiários, muitos defendem a liberação da prisão perpétua e da pena de morte. A docente pondera que já foi comprovado que atitudes extremas estão longe de ser o melhor caminho. “Assumir que determinada pessoa deve ser totalmente retirada da sociedade viola vários princípios. Com as novas formas ultramodernas de investigação, aumentou-se muito a descoberta de erros na justiça de todo o mundo. Nos Estados Unidos, por exemplo, três foram retirados do corredor da morte após ser confirmado que eram pessoas inocentes. O judiciário é muito falho para que a gente acredite que uma pena possa curar uma pessoa” – defende.

Em pesquisa divulgada em 2015, pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, o Brasil ocupa a quarta colocação entre as nações com maior número absoluto de encarcerados no mundo. Cerca de 608 mil pessoas estão presas, deixando o país atrás apenas dos Estados Unidos, da Rússia e da Indonésia. “Temos que começar a pensar em outras formas, o que não significa deixar o sujeito impune, mas resolver de uma maneira que não seja a cadeia” – assegura Victoria Sulocki. 

“O judiciário é muito falho para que a gente acredite que uma pena possa curar uma pessoa”

Victoria Sulocki

AS DOENÇAS DO TERROR: FOBIAS E TRANSTORNO DO PÂNICO

As histórias de pessoas que sofrem com doenças relacionadas ao medo excessivo, suas principais causas, sintomas e tratamentos

MARINA COSTA

Quem nunca teve medo ou se deparou com uma situação difícil e sentiu que algo ruim poderia acontecer? Todo mundo. O motivo é simples: essa sensação de perigo é uma reação fisiológica normal do nosso corpo, um mecanismo de sobrevivência. Em frações de segundos, o corpo reage a estímulos e reforça as funções do cérebro, músculos e pulmão. O ser humano desenvolveu a proteção para que o corpo acione o alarme do perigo até mesmo diante das menores ameaças.

Em situações de medo intenso, transformado em terror, esse alerta pode paralisar o corpo. É quando o sistema fisiológico reconhece



ARQUIVO PESSOAL

Renata de Araújo sofreu uma tentativa de assalto e desde então não consegue mais dirigir

que não há o que fazer para conseguir escapar, o corpo desiste e congela as funções. De acordo com a psicóloga Aline Cataldi, especialista em saúde mental, o medo pode gerar três reações: enfrentamento, paralisia ou fuga. “O ideal é que a gente consiga encará-lo. Quanto mais tentamos acabar com as sensações, menores ficam. O mais difícil é ter essa consciência de combate” – ressalta.

Esse mesmo alarme que protege o corpo das emboscadas do dia a dia, pode sair do controle e passar a ser acionado involuntariamente. Os sintomas podem ser variados: desde o terror excessivo sobre um objeto, até se transformar em

uma doença, isto é, o transtorno do pânico.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), cerca de 33% da população mundial sofre de ansiedade, uma espécie de “medo antecipado”. O Brasil tem aparecido sempre entre os primeiros das listas da organização. Outro dado alarmante revela que a doença será a mais incapacitante do mundo até 2020.

O terror de um objeto: as fobias

Em março de 2014, a enfermeira Renata de Araújo, de 35 anos, sofreu uma tentativa de assalto na saída do trabalho, em Santa

Cruz, na Zona Oeste do Rio de Janeiro. Desde então, não consegue colocar a mão no volante. “Sinto que meu coração está disparado, uma tremedeira e insegurança. Começo a suar e acho que um assaltante vai aparecer a qualquer momento” – conta.

Renata sabia que bandidos e policiais trocavam tiros em uma favela próxima do local, mas se arriscou e foi surpreendida por um homem na porta da universidade onde dá aulas. Em vez de entregar o dinheiro e os objetos de valor, a enfermeira acelerou o carro e atropelou o assaltante. “Precisei parar em um lugar qualquer. Não conseguia respirar e precisei de mais de duas horas para me recompor e voltar para casa tranquilamente. Foi um trauma que não consigo medir em palavras” – desabafa.

Cerca de 50% dos casos de pacientes com amaxofobia, popularmente conhecido como o medo de dirigir, foram adquiridos após um trauma. No entanto, para Aline, não existe uma explicação comprovada para as causas de uma fobia e, na maioria dos casos, a pessoa adquire antes mesmo de enfrentar o objeto temido. “Claro, tem os fatores genéticos e ambientais, mas a causa mesmo não tem explicação comprovada. Tem criança que desde pequena tem pavor de avião, mas nunca andou na vida” – analisa.

Em maio de 2015, cientistas do Instituto do Cérebro de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, identificaram a substância que ajuda na formação da memória do medo. A histamina é produzida no hipotálamo e, entre suas funções, está o controle das emoções, como fome e sede. O medo estimula a

geração dela em outras duas regiões do cérebro: a amígdala e o hipocampo, principais responsáveis por guardar as nossas memórias.

Na época, os neurologistas responsáveis pela pesquisa explicaram que, diminuindo a produção de histamina é possível inibir a formação aterrorizada no cérebro. Com isso, os pesquisadores esperam, no futuro, produzir remédios que ajudem no controle de fobias de altura, bichos e lugares fechados.

Aline afirma que tais aversões são caracterizadas por um terror infundado, pois a ameaça não costuma ser tão grande quanto parece. “A capacidade de enfrentamento é percebida de forma muito pequena e, na verdade, é o contrário: é completamente desproporcional” – explica. Ainda de acordo com a psicóloga, em determinados casos, um acompanhamento psicológico é fundamental para confrontar o medo específico.

O terror ansioso: transtorno do pânico

Uma pesquisa do Instituto de Psiquiatria do Hospital de Clínicas da Faculdade de Medicina da USP revela que 12% da população brasileira sofrem com ansiedade, correspondendo a cerca de 24 milhões de indivíduos. Estima-se ainda, que ao longo dos anos, 23% dos brasileiros irão sentir algum tipo de transtorno ansioso. Quem sofre com o medo antecipado pode desenvolver uma doença chamada transtorno do pânico. Os pacientes têm crises de desespero, o coração dispara, suam, sentem tonturas, enjoos e outros sintomas semelhantes aos das fobias.



A estudante Giovanna Monnerat descobriu o transtorno do pânico dois meses após a primeira crise

A principal diferença é que no pânico a primeira crise se dá sem motivo aparente e o indivíduo pode ter um novo episódio ao passar pelo mesmo local ou lembrar-se da situação vivida. Além disso, o transtorno traz uma sensação de morte aos pacientes. Aline esclarece que a doença se manifesta por meio de dois sintomas específicos: a despersonalização e desrealização. “É uma sensação difícil de explicar. Só quem teve pode dizer, mas garanto que é muito desesperador. A pessoa começa a interpretar essas sensações como se fosse morrer” – avalia.

Há um ano, a estudante de publicidade Giovanna Monnerat, de 21 anos, teve a primeira crise de pânico. A jovem se desesperou após o namorado apagar a luz do quarto na hora de dormir. “Comecei a implorar para ele acen-

der a luz. Chorava muito e não conseguia explicar o que estava sentindo. Meu coração começou a acelerar, minhas mãos e pernas ficaram dormentes e sentia um aperto no peito tão grande que faltava o ar. Pedia ajuda ao meu namorado o tempo todo, mas ele não sabia como me ajudar direito. A sensação era de que não reconhecia o lugar, nem o meu próprio namorado. Foi horrível” – relembra.

Inicialmente, o transtorno do pânico nem passou pela cabeça de Giovanna. Ela acreditava que estava maluca e ia morrer naquele momento. Aline Cataldi diz que esse tipo de sensação é normal, mesmo para quem teve inúmeros episódios de pânico. “Ainda que seja a milésima crise do pânico e o paciente saiba os sintomas, ele fica com medo de morrer e continua interpretando como se estivesse passando mal. Mas é tudo pensamento e a forma como eles interpretam aquela situação” – analisa.

Giovanna conta que descobriu o motivo das crises de pânico somente dois meses depois da primeira vez. Enquanto estava na universidade, sentiu as sensações novamente e saiu correndo da sala de aula. Sem saber o que fazer, conta que andava de um lado para o outro e a professora precisou obrigá-la a ir à enfermaria: “Não conseguia respirar, sentia um desespero sem motivo. Queria procurar ajuda, mas não conseguia, parecia que um medo tinha me dominado mesmo. Resolvi me desculpar com a professora por ter saído correndo, ela me perguntou o que tinha acontecido, e comecei a chorar desesperada de novo.

Ela me levou até à enfermaria e minha pressão estava ok. No entanto, a médica disse que foi um ataque de pânico”.

Além da doença, as pessoas que sofrem com o transtorno podem desenvolver a agorafobia. Como não sabem a hora da crise, começam a evitar lugares e, em casos extremos, não saem de casa ou não ficam sozinhas. A psicóloga alerta que, se procurarem o tratamento rapidamente, mais fácil será de enfrentar os males da ansiedade. O transtorno do pânico não tem cura, mas os medicamentos e o acompanhamento terapêutico ajudam a manter uma vida mais saudável.

A dona de casa Carolina Pessanha, de 34 anos, enfrentou a doença por 15 anos. Ela chegou ao nível de não frequentar lugares fechados e evitar multidões, pois tinha medo de não ter a quem recorrer em caso de surto. Após engravidar da primeira filha, precisou parar a medicação e a partir daí não passou por nenhuma nova crise. “A responsabilidade e o amor materno mudam quem a gente é, mas tenho consciência que isso é passageiro e posso ter uma crise de pânico agora. Só espero que não aconteça e não me privo de nada, principalmente pelas crianças” – desabafa.

“O mal do século”

Segundo a Previdência Social, os transtornos psíquicos são a terceira maior causa de afastamento no trabalho. Essas doenças afetam cada vez mais crianças e adolescentes ao redor do mundo. De acordo com o site “Pediatria em Foco”, 13 em cada 100 crianças apresentam ansiedade, sín-



Para Carolina Pessanha, o amor materno ajudou a enfrentar o transtorno do pânico.

drome do pânico, depressão ou fobias.

Aline Cataldi atribui o aumento no número de casos a dois fatores: à evolução exponencial da ciência nos últimos anos e ao crescimento do número de diagnósticos. Apesar disso, a especialista acredita que a velocidade do mundo em que vivemos, principalmente nas grandes cidades, favorece o desenvolvimento das doenças ligadas à ansiedade e ao medo. “Hoje em dia, temos um número de pensamentos muito maior, tudo está sempre muito agitado, temos que dar conta de muitas coisas ao mesmo tempo. Por isso, ficamos mais ansiosos e estressados. Consequentemente, temos mais tendência a desenvolver esse tipo de doença. Percebemos que o nível de ansiedade de pessoas que moram no campo é menor do que nas grandes cidades. A procura de terapia está muito maior também, além de outros tratamentos e atividades como forma de desacelerar”.

O TERROR VIROU NEGÓCIO!

Não é só através do mercado audiovisual e editorial que o gênero terror obtém lucro e reconhecimento. O capitalismo absorveu a temática por meio da festa de Halloween e as oportunidades para faturar aumentam no mês de outubro

MARIANA VICENTE E LARA SALAZAR

As origens do Halloween

Halloween é originário de duas tradições distintas: a pagã, proveniente dos celtas e a católica. A fusão entre as duas raízes culturais é o que conhecemos hoje como Dia Das Bruxas. Os celtas se espalharam pela Europa Central e Ocidental entre 750 a.C e 50 a.C. Eles não formaram cidades ou possuíram unidade política, o que explica a variedade cultural desenvolvida em diferentes locais.

Cada clã ou tribo obedecia a um rei e a uma elite de guerreiros. A figura do *druida*, espécie de sacerdote e sábio, também era importante para os habitantes locais. Criaturas populares como fadas, elfos e duendes são de origem celta, assim como os famosos contos do Mago Merlim e do Rei Artur.

Conhecido como o antigo Ano Novo celta, o Samhain era um rito que marcava o fim da temporada de colheita e o início do inverno. Acreditava-se que durante a passagem do dia 31 de outubro para o dia 1º de novembro, a fronteira entre o mundo dos homens e o mundo dos espíritos desaparecia. Ou seja, as almas dos mortos e as criaturas místicas adentravam o mundo real. Era a data ideal para clãs e tribos se reunirem em torno das fogueiras. O encontro propiciava a criação das narrativas, que envol-



Druidas

viam personagens reais e fictícios.

No século IV, o cristianismo tornou-se a religião oficial e única do Império Romano. A Igreja passou a reprimir manifestações de crenças e costumes pagãos. Os líderes cristãos condenaram a idolatria, feitiços, convicção em seres sobrenaturais e os rituais do Samhain, considerados símbolos de adoração do diabo.

Porém, enquanto perseguia as outras religiões, a Igreja medieval passou a cristianizar costumes pagãos nas áreas rurais. Para a mestra em História Social da PUC-SP, Joelza Domingues, a tática adotada pela Igreja foi uma forma de manter os fiéis sob controle, e motivação para transformar elementos de outras culturas. “Foi uma estratégia política para manter seus fiéis sob sua guarda. Se a cultura do outro é forte demais, melhor reformá-la do que destruí-la. Os jesuítas foram mestres em absorver elementos da cultura local e transformá-los para dar-lhes uma feição cristã. Aprendiam a língua nativa, estabeleciam até uma gramática, estudavam os costumes e a religião dos nativos, para só depois catequizá-los, conservando, contudo, algumas referências culturais” – explica.



Caveiras são sucesso na decoração de Halloween

A relação do Brasil com o Halloween

A mistura dos costumes pagãos e cristãos ao longo dos séculos foi responsável pela estrutura do Halloween como conhecemos hoje. A prática de se fantasiar já existia na Idade Média: as pessoas se cobriam com panos e pintavam o rosto para passarem despercebidas pelos espíritos ruins. No entanto, durante a Inquisição (século XII), objetos tradicionais do Dia das Bruxas como vassouras, lápides e esqueletos, não seriam bem vistos pelos religiosos e só foram adotados com o fim das perseguições.

E no Brasil, em que momento a tradição ganhou força? Colonizado por Portugal, a comemoração não era habitual entre os países ibéricos. Com a ascensão do cinema norte-americano na década de 1950, brasileiros importaram a ideia do *american way of life* e passaram a celebrar o Halloween.

A data festiva também foi impulsionada por imigrantes irlandeses e britânicos que residiram no Brasil. O comércio é um dos setores que mais contribuiu para a incorporação do Dia das Bruxas no território nacional. Afinal, quem nunca alugou ou comprou uma fantasia?

A fantasia que não sai de moda

Vampiro, bruxa, fantasma, super-heróis. Esses são alguns exemplos de fantasias que nunca saem de moda. Mas, para quem trabalha no ramo, cada ano um traje ganha mais destaque:



Pé serrado importado

seja por causa de um filme, uma série de TV ou pelo fato de ser o jogo mais baixado para celular.

Dono de duas lojas de fantasias e confeitaria para festas em Niterói, Ramon Haddad citou o fenômeno Pokémon como uma das tendências para o Halloween de 2016. Questionado se a crise econômica poderia afetar o comércio das fantasias, Haddad explica que as pessoas cortam gastos supérfluos, mas acredita no sucesso da venda de seus produtos: “Minhas lojas estão localizadas em bairros nobres da cidade, onde as pessoas têm dinheiro para gastar. O que acontece é que o brasileiro sempre deixa para comprar em cima da hora, então o período mais movimentado é o da última semana do mês”.

A loja MemoBox, no Shopping da Gávea, Zona Sul do Rio de Janeiro, está há 25 anos no mercado. Todo ano o estabelecimento é enfeitado com faixas nas cores do Halloween, caldeirões e outros acessórios relacionados ao tema. Segundo a proprietária Mônica Salgueiro, o mês de outubro é lucrativo não só por causa das fantasias, mas também pela venda de itens que ajudam a compor a decoração e o próprio vestuário. “O que chama mais atenção dos consumidores são os produtos mais excêntricos. É possível encontrar [nas lojas temáticas] sangue falso, pigmentos mágicos, pés serrados importados dos Estados Unidos, além dos mais básicos, como caldeirões,

facas e foices de plástico, chapéus de bruxa, e claro, abóboras” – ressalta.

Difundir, comemorar e empreender

No processo de difusão do Halloween no Brasil, os cursos de idiomas se destacam por promover o intercâmbio cultural entre todas as idades. Na Cultura Inglesa da Ilha do Governador, Zona Norte do Rio, a comemoração é realizada na última sexta-feira de outubro. A administradora, Simone Viana, afirmou que os professores contam a história do Dias das Bruxas nas aulas, unindo o tema com a didática e conhecimentos culturais.

Além disso, a Cultura faz um concurso de fantasias na festa de Halloween. Antes, os trajes eram opcionais, mas passaram a ser obrigatórios, pois são uma forma de estimular a participação dos alunos. Simone explicou que a comemoração foi modificada recentemente e o público principal é de crianças entre quatro e 11 anos. A festa, entretanto, também se tornou mais restrita: “Os alunos agora recebem convites para a festa. Nos anos anteriores, qualquer membro da instituição podia participar ao adquirir a camisa, que servia como o convite. [Hoje] somente alunos matriculados podem comparecer ao Halloween, o que veio a se tornar uma mudança relativamente severa. Anteriormente, os estudantes tinham direito a levar amigos que não estivessem matriculados”.

Se depender da decoração do local, é possível comemorar o Halloween em qualquer lugar. Então, por que não celebrar em um castelo? A empresa BlackHaus trouxe essa ideia em 2008. O Castelo de Itaipava, em Petrópolis, na região serrana do Rio de Janeiro, é o palco da *Auslander Party*. Uma das sócias da BlackHaus, Giulia Muller, conta como surgiu o conceito da festa: “A ideia era fazer uma festa de Halloween nos moldes das hypadas e luxuosas festas de Nova York, unindo a diversão das festas à fantasia no glamour do mundo da moda. Foi idealizada pelo diretor criativo Ricardo Brautigam, na época ainda na Auslander, com o propósito de ser uma festa apenas para convidados do mundo da moda.

As origens no mundo *fashion* parecem ter deixado um legado para as edições mais recentes.



Fantasia na Auslander Party de 2015

As roupas ganharam um *status* a mais. Na *Auslander Party* de 2016, a melhor fantasia ganhou uma passagem para Nova York. Ainda foram distribuídos prêmios para outras categorias, como por exemplo: “melhor casal”, “fantasia mais assustadora” e “melhor grupo”. O *open bar* e as atrações internacionais também agitaram a festa.

Para saber mais

- Entenda a origem do Halloween e saiba mais sobre história no blog da Joelza: <http://www.ensinarhistoriajoelza.com.br/>
- Confira as fantasias e produtos do Dia das Bruxas na loja do Ramon: <http://www.ramonfazafesta.com.br/index.html>
- Veja os produtos para decorar sua festa no dia 31 no site da Memobox <http://www.lojamemobox.com.br/>
- Fique por dentro das novidades da Auslander Party na página oficial da BlackHaus: <https://www.facebook.com/blackhauspage>
- Vídeo da edição de 2015 da Auslander Party: <https://vimeo.com/143800027>

VOCÊ NÃO VAI QUERER FAZER PARTE DESTA HISTÓRIA !

O terror causa repulsa e desconvida o espectador a querer uma vida igual a dos personagens. É entre uma nota musical e outra, um desalinhamento do cenário e a produção exacerbada, que se toma um susto



SITE IMDB

Em O gabinete do Dr. Caligari é possível ver várias características do expressionismo alemão: figurino e maquiagem pesados, cenário desalinhado e ênfase na expressão dos atores

AMANDA REBELO E NATHALIA PINTO

Figuras monstruosas, sangue, gritos, medo. O que não faltam são características que permeiam o imaginário do ser humano ao falarmos em filmes de terror. Há mais de meio século, o gênero assusta e desperta múltiplas sensações, fruto de aspectos técnicos, como a iluminação e a trilha sonora, que contribuem para que o espectador seja induzido à apreensão.

Inspirado na literatura de autores como Edgar Allan Poe, Bram Stoker e Mary Shelley, a evolução dessas produções está

ligada diretamente aos eventos-chaves da sétima arte. Se levarmos em conta os primeiros filmes mudos, podemos reparar que as películas prezam pelo desconforto e mostram a oposição entre o tradicional e a originalidade.

Ao revisitarmos o passado, percebemos que os responsáveis pelos primeiros sustos na telona despertaram no expressionismo alemão. O movimento, que surgiu no pós Primeira Guerra Mundial, chegava como consequência da energia que permeava a sociedade naquela época. O professor de Cinema da Pontifícia Universidade Católica do

Rio de Janeiro (PUC-Rio), Arturo Netto, explica que a subjetividade foi fundamental para, de certa maneira, denunciar ou mostrar a avaliação crítica sobre o contexto. “O cinema alemão escolheu este viés porque o que era objetivo, era muito duro de se ver. E nada mais emblemático do que significar o expressionismo a algo ligado ao terror. O mundo do expressionismo era denso, pesado, sem perspectiva. Era preferível criar o olhar subjetivo subliminar para dar algum tipo de vazão ao processo de catarse” – explica o docente.

No visual, o uso exagerado da sombra definia os ambientes,

sem que os cineastas precisassem recorrer a cenários elaborados. Fantasiosas, as narrativas eram recheadas de um romantismo, com personagens atormentados, desde aquela época, por espíritos e medo. Cenários distorcidos, maquiagem em excesso, jogo de luz e fotografias densas eram os mecanismos mais usados nesse tipo de cinema.

Para Arturo, é compreensível que, ao trabalhar com a cenografia, a direção de arte tivesse uma proposta mais singela, nua e crua, com cenas pintadas principalmente em preto e branco. O professor também chama a atenção para a formação dos diálogos e a atuação dos atores. “Estávamos na época do cinema mudo: tínhamos os intertítulos, as cartelas que eram colocadas. Muito mais do que qualquer cartela reproduzindo qualquer diálogo, o mais importante era a expressão, o olhar, a maneira que o rosto dos atores transmitia a angústia, que dispensava uma conversa objetiva. Por isso, falamos de novo de um cinema que apostava suas fichas no aspecto subjetivo”.

Dirigido por Robert Weiner e datado de 1920, o longa *O gabinete do Dr. Caligari* é considerado pelos cinéfilos como uma das obras mais marcantes do expressionismo alemão. Durante aproximadamente 80 minutos, o filme compõe uma metáfora do olhar deformado, a partir de ruas estreitas e telhados góticos. Figurinos pesados contrastavam com a atuação dos atores, que exigia uma maior ênfase da expressão, da face, do rosto e dos

movimentos. “A figura soturna do personagem principal e os crimes que começam ocultos e ocorrem na cidade reforçam esse movimento. E todos os personagens começam a criar uma tensão sobre onde estava metido o Dr. Caligari nessa história sinistra. Temos o sinistro, o duvidoso, a interrogação” – comenta Arturo.

Outro ícone da época e filmado dois anos depois de *O gabinete*, *Nosferatu* ainda consegue surpreender nos dias de hoje. Caracterizado como um ser soturno, desfigurado e a própria expressão imagética do Mal, o personagem faz jus à abertura do filme: “Nosferatu é a palavra que se parece com o som do pássaro da morte da meia-noite”.

As técnicas de filmagem e iluminação, desenvolvidas pelos alemães, atraíram a atenção de cineastas como Alfred Hitchcock, Luís Buñuel e Orson Welles. Não à toa, os grandes autores continuariam suas carreiras em Hollywood e deixariam um rastro no cinema americano com a estética germânica.

O cinema yankee

Relutante em produzir filmes do gênero, Hollywood tornou-se célebre pela produção de filmes com lobisomens, múmias e vampiros. Em 1968, o polonês Roman Polanski lançou *O bebê de Rosemary*, considerado como um representante do terror, após bem-sucedidos trabalhos como *Repulsa ao sexo* e a comédia *Dança dos vampiros*.

Ao lado de *O massacre da serra elétrica*, dirigido por Tobe Hooper, *Halloween*, de John Carpenter, influenciaram uma leva de



Carrie, a estranha, filme de Brian de Palma baseado no livro de Stephen King

filmes com assassinos misteriosos e impiedosos que perpetuaram as telas dos anos 1980. O tema possessão também viveu um auge em obras como *A profecia*, *Terror em Amityville* e *O exorcista*.

Foi este último filme que deixou a historiadora Driele Rodrigues não dormir por uma semana. Aos 12 anos, assistiu ao longa na antiga Sessão de Sábado do SBT e deu o ponto de partida no interesse pelo terror. “Lembro muito bem do *O exorcista*. Senti muito medo na época. No começo, o que me atraía era a vontade de levar sustos. Hoje, o terror para mim é algo mais psicológico”, conta a jovem de 26 anos.

Ainda nesta leva, *Carrie, a es-*



Jack Nicholson em *O iluminado*: filme que rendeu ao ator o Globo de Ouro

tranha, de Brian de Palma, deu o *start* na febre de adaptações de livros do escritor Stephen King. O cultuado *O iluminado* (1980), de Stanley Kubrick, foi outro, com um Jack Nicholson completamente ensandecido.

Já os anos 1980 foi marcado pela ascensão dos filmes de baixo custo, taxados de *slashers* ou *splatters*, onde a onda era ter maníacos que corriam atrás de jovens seminuas. Quem não lembra do famoso *Sexta-feira 13*, com o popular Jason Vorhees triturando jovens pecadores? O comparsa bonitão conhecido como Freddy Krueger apareceu pela primeira vez em *A hora do pesadelo* (1984).

Os anos 1990 chegaram e há quem diga que as produções ficaram rarefeitas e malfeitas. O diretor Wes Craven filmou o brincalhão *Pânico* (1996), que retomava a estética dos filmes mata-mata dos 1980. O sucesso

iniciou uma série de produções com jovens atores americanos, como *Eu sei o que vocês fizeram no verão passado* (1997) e *Lenda urbana* (1998).

O cinema ao redor de Hollywood

Nem só de *O exorcista*, *A bruxa de Blair* e *Pânico* vive o terror. O gênero contemporâneo cinematográfico nasce em países específicos como Japão, Tailândia, Coreia do Sul, México e Argentina. O professor de Cinema Mundial II da PUC- Rio, Hernani Heffner, explica que tais países passaram por uma alta transformação socioeconômica e tecnológica, mudando o jeito de ver o mundo e, conseqüentemente, de fazer cinema. “Eles entraram em um novo patamar de vida e começaram a enfrentar problemas de urbanização, industrialização, degradação no meio ambiente

e reagiram a isso: através do filme de terror ou horror, que pode ser eventualmente como no estilo coreano, uma espécie de grande lesma assassina que brota do mar, chamada de ‘O hospedeiro’” – diz.

Atualmente, o cinema de terror fora de Hollywood é mais metalinguístico no sentido de ser um comentário ao gênero que o consolidou, distinguindo-se da veia mais clássica. Ou seja, dentro do próprio filme há um parecer sobre como as plateias se relacionam com o horror. Outra questão levantada pelas obras é a identidade do sujeito, bem mais problemática na atualidade. “A maioria dos filmes contemporâneos leva seus personagens para dentro da natureza. É quase como se houvesse um movimento de sair da cidade, mas esse movimento – que seria de fuga, talvez – fosse inócuo. Você vai

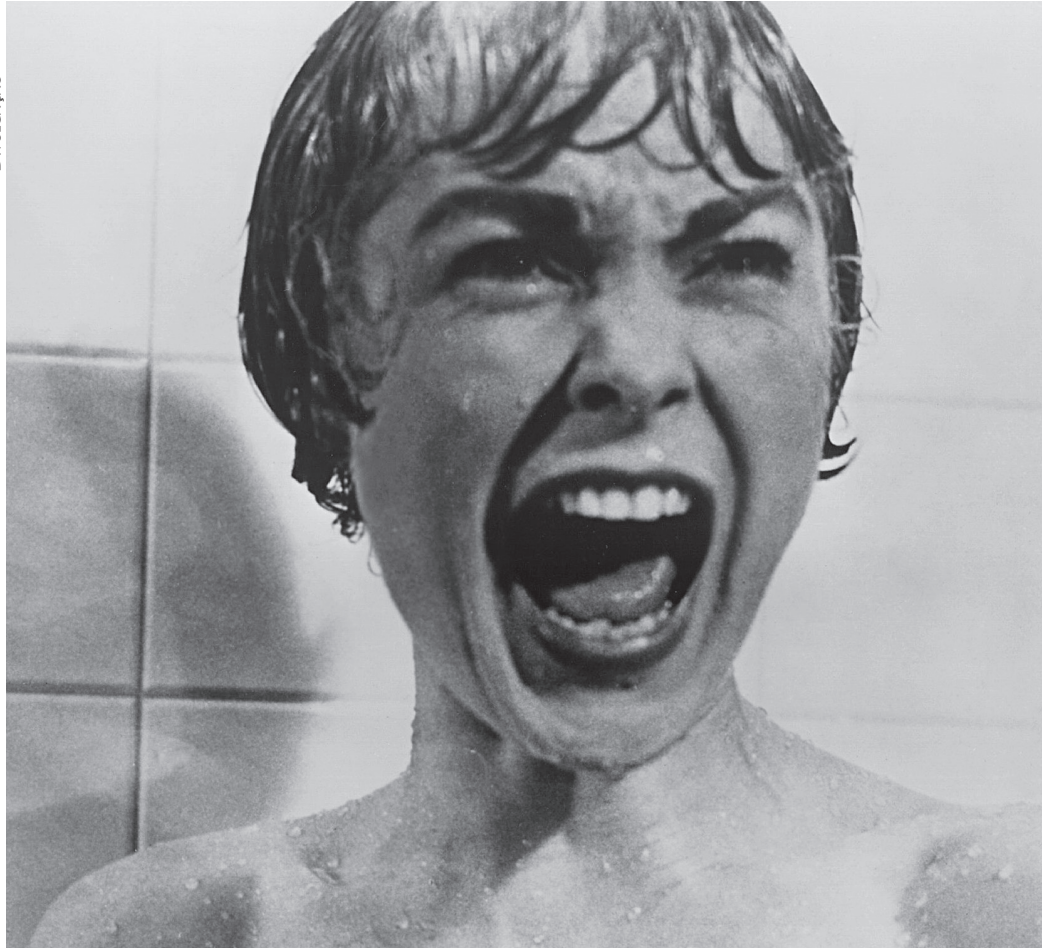
fugir do quê? O problema não é exatamente a cidade, não é exatamente a natureza. O problema é que sempre existirão forças que vão te destruir” – pontua Heffner.

O docente também fala sobre a cinematografia espanhola, que remonta a um passado cultural. Segundo ele, esse passado se faz presente ao tornar-se uma barreira que impede o conhecimento. “O passado é violento, interditado. O terror é a necessidade de que o sujeito tem de conhecer, mas esse conhecimento terá um custo: a destruição dele como sujeito. De alguma maneira, o movimento que o cinema espanhol tem é o da fuga, quando é possível fugir”.

Por sua vez, o terror japonês tem uma característica interessante para Heffner: a origem do mal vem a partir de uma tecnologia audiovisual, espécie de referência ao próprio meio. “Em uma sociedade onde essa presença tecnológica é tão forte e cotidiana, que domina a vida do sujeito de todas as maneiras, desde como ele vai dormir, levantar e comer, o cinema japonês aposta na dificuldade do sujeito formular uma identidade nessa altura, quase impossível”.

Arturo Netto menciona o fato do cinema de terror viver um bom momento para fazer catarse e para colocar os “bichos para fora”. “As pessoas se manifestam, dão gritos por um motivo ou outro. Nada mais emblemático e simbólico do que o terror para vivermos essa experiência coletiva”.

Como toda boa categoria, o



Clássico: cena e a trilha sonora são ícones do gênero

terror também precisa de reinvenção. A demanda pelo inusitado e pela surpresa vai de encontro ao tornar o filme mais denso e intenso. “Em todos os gêneros, está mais difícil assistir a uma produção que realmente encante e seja um ponto fora da curva. Ninguém melhor do que o espectador para saber se aquele filme o pegou. Acho que a questão de ter um bom roteiro, principalmente nesse gênero, é um grande desafio. A exigência está cada vez maior” – ressalta.

Som da cena

Uma mulher entra no chuveiro. Fecha a cortina e liga a ducha. O som da água é relaxante. Ela se banha, contente. A porta do banheiro se abre ao fundo. A moça não vê, está distraída. Uma figura se aproxima. É uma pessoa, mas não se sabe

quem. É um vulto negro. A figura se aproxima do boxe, abre a cortina e revela uma faca. Uma música começa a tocar – é estranha, aguda e ensurdecadora.

A mulher se vira e grita enquanto o vulto aparenta esfaqueá-la. A canção parece caminhar para um ápice que nunca chega, criando uma tensão e expectativa. O sangue escorre pelo chão branco. A figura sai. A mulher tenta se segurar. Ela escorrega e a música segue para um grave como se acompanhasse o movimento dela. É fatal. A composição acompanha a agonia da moça que puxa a cortina. O som alto cessa. Ela morreu.

Descrever a cena icônica do filme *Psicose*, de Alfred Hitchcock, apesar de parecer fácil, é uma tarefa complicada. Isso porque a narração, feita somen-



O longa japonês Ringu (que deu inspiração para O chamado) seguindo a lógica da origem do mal vinda da tecnologia

te em palavras, falha em não poder transmitir o elemento principal do episódio: a trilha sonora. Brian Hermann, compositor da trilha, contou para Brian de Palma que Hitchcock não queria música nesse trecho. Já imaginou?

Artifício essencial para os filmes de terror, a música é capaz de causar angústia, tristeza, ansiedade. O professor de Composição de Trilha Sonora para Produtos Audiovisuais, David Tygel, comenta a importância das composições nos longas do gênero. “A música se torna mais um dos personagens. O medo, o susto e o terror são escancarados. Nada de bom gosto, politicamente correto, sutil e o que vêm com as palavras ‘favorável’, ‘positivo’, ‘interessante’. É na veia, e a música pode ser imbatível criando clichês” – afirma.

O silêncio também é uma forma de potencializar o suspense em alguma cena. Tygel comen-

tou que o susto é maior se precedido pela ausência de sons. A historiadora Driele Rodrigues concorda. Para ela, o silêncio pontual no filme *Tubarão*, de Steven Spielberg, é algo consagrado. “O baixo orçamento fez o diretor criar um dos climas mais tensos da história do cinema, com uma única música e silêncios pontuais.” Segundo ela, a trilha é tão importante quanto o roteiro e a estética. “Ela provoca aquela imersão que te faz sentir o que os personagens sentem. Até a ausência de trilha, quando bem usada, é um recurso incrível”.

Mas há diferenças nas músicas de filmes de terror psicológico e os terrores mais sangüinários. Tygel explica que o tipo convencional do gênero trabalha mais com aquilo que está sendo explicitado, enquanto o outro é mais sutil. “O terror convencional usa a música de acordo com a imagem: se todos estão correndo numa cena ten-

sa, a música é rápida. Porém, no terror psicológico, o que conta é o que o personagem está tramando, à noite, na surdina, em silêncio, lentamente. A música pode ser vibrante porque os policiais, por outro lado, querem prender o *serial killer* antes que ele cometa o próximo crime”.

Aquilo que é subentendido através dos sons às vezes mais afasta do que atrai espectadores. A estudante de Comunicação Social da PUC-Rio Nathalia Diniz Machado, que evita assistir qualquer filme de terror, diz que o desconhecido é assustador nesse gênero. “Ouvimos certas coisas que não são apresentadas para nós fisicamente. A única representação é o próprio som. Portanto, formamos uma ideia em nossa cabeça do que aquele som representa, não o que ele realmente é. Ficamos mais livre e imaginativos. Neste caso, o som é a forma com que lemos as ações do filme. Não ‘ver’ algo e só escutar: é talvez até mais aterrorizante”.

Tygel exemplifica sobre o tipo de música que caracteriza esses filmes e que ajudam o sentimento de estranheza. “Há vários sons, vozes reverberadas, uma guitarra meio desafinada, harmonias estranhas, instrumentos que não são usados normalmente, uso de gritos”. Quando estamos no cinema, esse estranhamento é ainda pior. O docente comenta que os efeitos de reverberação, quando os sons passam de uma caixa sonora a outra rapidamente, que vão para frente e para trás, auxiliam o bizarro característico do gênero. 🍷

Brasil, qual a tua cara?

ANDRÉ PORTO / METRO



O ator José Mojica é um dos principais expoentes dos filmes de terror brasileiros

Heffner dá o exemplo do longa *Trabalhar cansa*, de Marco Dutra e Juliana Rojas, no qual a protagonista quer ser dona do próprio negócio e compra um mercado. “Você realmente vira um empresário? Isso é tranquilo, vai conhecer só alegrias a partir daí? O filme de terror

diz ‘não’. Todo processo em meio ao capitalismo exige uma ascensão, uma queda, perdas, e eventualmente vai transformar um neurótico, um obsessivo e um paranoico” – destaca.

Heffner classifica a reestruturação do gênero brasileiro como “muito variada” por ser “do Rio Grande do Sul ao Acre”. No entanto, a produção nacional não fica só na linha do terror psicológico. Hernani fala de diretores de outras vertentes, como Dennison Ramalho, Petter Baiestorf e até mesmo Kleber Mendonça Filho.

Já Arturo Netto comenta que “há desafios por causa da falta de mercado, pois, quase sempre, esses filmes são considerados de tipo B, com produções escassas”. Ele explica ao fazer uma comparação do mercado brasileiro com o americano. “Uma coisa é recebermos um filme importado americano, em um contexto da segmentação de produto. Existe possibilidade, aquelas famosas gavetas que são gêneros cinematográficos, de ter fidelização. Isso faz com que o gênero tenha força para se sustentar. Ou seja, tem uma certa audiência garantida” – ressalta.



O pássaro das plumas de cristal, dirigido por Dario Argento

G is for giallo

Com uma mistura de assassinatos, violência exacerbada, nudez deliberada e suspense, o Giallo é um gênero cinematográfico e italiano importante dos anos 1960 e 70. Entre os aficionados do cinema cult, serviu como uma alternativa para as fórmulas dos filmes de terror americanos. A maioria deles são semelhantes: um assassino em série, geralmente mostrado somente no final, um detetive que procura o assassino e mortes chocantes, principalmente de mulheres.

O pioneiro do Giallo foi Mario Bravo, cujo filme *Olhos diabólicos* (1963) serve como o primeiro exemplo verdadeiro da categoria. O nome do longa é uma clara homenagem à Alfred Hitchcock e seu filme *O homem que sabia demais* (1956). Além dele, Dario Argento, com *O pássaro das plumas de cristal* e *Prelúdio para matar*; Mario Brava, com *Seis mulheres para o assassino*; Pupi Avati e *A casa com janelas que riem*; e Sergio Martino, com *Todas as cores da escuridão*, deram cara ao Giallo pelo mundo afora.

Para saber mais

- http://revista.cifras.com.br/artigo/top-15-musicas-horripilantes-de-filmes-de-terror_8979
- <http://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-109340/>
- <https://www.youtube.com/watch?v=fMuQpitplU8>
- <http://gq.globo.com/Cultura/Cinema/noticia/2015/10/os-31-melhores-filmes-de-terror-de-todos-os-tempos.html>

O lado B do cinema

O professor Hernani Heffner fala sobre os filmes B, diferença de público e as principais potências cinematográficas deste outro "lado"

Eclética - Sobre os filmes B, o senhor acha que eles criam uma nova linha de terror ou tentam seguir Hollywood?

Hernani Heffner - Um terror hoje de grande produção é um terror de monstro. Esses filmes de monstros, aliens e etc., são os blockbusters do gênero. O filme B é o de confinamento. Você fazer um filme só numa casa, é óbvio que, do ponto de vista da produção é algo muito mais prático, barato e simples. Ao mesmo tempo, um desafio narrativo. Como eu vou sustentar duas horas aqui de perseguição em três quartos, duas salas e um corredor?

E - É mais psicológico?

HH - Não, tem pouca psicologia no terror contemporâneo. Essa dimensão nunca foi o forte do gênero e hoje em dia é mais físico, mais de ação, tem pouca discussão filosófica ou moral. É o gênero mais do truque de terror: como é que eu vou te assustar aqui e você vai continuar consumindo isso? Ao mesmo tempo, o desafio se torna mais interessante se eu vou ter que te assustar em um espaço muito pequeno. Como todo gênero, o terror é muito estereotipado, tem um conjunto de estruturas muito pequena. A armação do filme é relativamente simples. Pode mudar o contexto, o personagem, mas basicamente os personagens são de uma classe média baixa, suburbana. Não são mais os aristocratas do passado. E, enfim, o exercício para o cineasta B, é extrair uma potência dramática de interação com o espectador desse mínimo. Por outro lado, para a grande indústria, quanto menos ela gastar e mais ela faturar, melhor. É um de tipo cinema atrativo do ponto de vista econômico.

E - A tecnologia ajuda nesse sentido da economia?

HH - Hoje com o digital é fácil fazer monstro no computador. Quarenta anos atrás, quando não tinha computador para isso, você precisava de efeitos mecânicos, de maquiagens, que eram muito caros. Isso a Hollywood basicamente fazia. Mas hoje não, qualquer criança em casa pega um After Effects e faz. Não tem mais dificuldade nenhuma. Isso é um outro dado que explica a explosão do terror no mundo inteiro. Hoje, países de pouca tradição cinematográfica e com pouco dinheiro, fazem filmes de terror porque se tornou relativamente fácil produzir os efeitos para esse tipo de cinema. Não que todas as obras sejam de efeitos, porém se torna mais simples de fazer um diabinho ali, um monstrinho acolá e pronto.

E - Tem alguma diferença de público? O senhor



O professor Hernani Heffner opina sobre os filmes B

percebe se tem um público indo mais na direção de um filme tipo B ou de maior produção?

HH - Filmes de tipo B se tornaram mais fortes. Inclusive, os cultores do gênero fazem até questão de descobrir filmes obscuros. Faz parte, inclusive, da sociabilidade do fã. Do tipo quanto pior, melhor. O bem produzido ele já desconfia "Hm, esse filme aí quer parecer bonitinho, bem-acabado... Quer só meu dinheiro... não vai muito longe. Não vai me trazer nada, eu já vi isso". Agora "Ah, a Islândia faz filme de terror, vamos ver filmes de terror islandeses!" Os caras já se ouçam de "Pô, vamos lá, vamos descobrir. De repente tem alguma coisa interessante. Vamos ver que mitologia é essa, quais monstros vêm da Islândia". Acho que o filme B entrou para o Panteão da mitologia do gênero. O filme de terror é bom quando é B. É quase uma assinatura de qualidade para esse tipo de cinema.

E - Então, podemos entender o crescimento de países como Japão, Coreia e Islândia como potências cinematográficas hoje em dia por causa do crescimento do filme B?

HH - Sim. Hoje em dia, quem gosta do gênero relativamente curte pouco o terror vindo, por exemplo, dos EUA, porque é muito repetitivo. É "Atividade Paranormal 1, 2, 10, 15". É "Premonição 1, 2, 10, 15". São filmes baratos e repetitivos. O que há de interessante nos longas de terror de outros países, sobretudo desses emergentes, é que eles não têm fórmula. Eles estão lá criativamente experimentando. Eventualmente até tentam ir para os EUA para ter um orçamento grandão, fazer algo mais sofisticado e etc. No entanto, muitos não se dão bem.

DO POP AO ROCK

Inserido na indústria da música, o gênero terror continua a cativar ouvintes e até influenciar bandas



FACEBOOK/PÁGINA OFICIAL

Michael Jackson ao lado dos dançarinos, na coreografia do clipe da música Thriller

JULIA PIMENTEL E RAFAEL CHIMELLI

Um jovem casal apaixonado passeia durante uma escura noite nos Estados Unidos até que a gasolina do carro se esgota. O relógio beira a meia-noite, enquanto os dois caminham sozinhos por uma mata escura. O rapaz interrompe o andar e, de súbito, pede a companheira em noivado. Com um sorriso no rosto, ela naturalmente aceita e o responde com declarações amorosas. Antes que o homem pudesse falar algo, uma lua cheia aparece no céu e ele se transforma em um lobisomem.

Depois de uma perseguição pela floresta, a cena se abre e percebe-se que o casal, na verdade, estava em uma sala de cinema, assistindo a um filme chamado *Thriller*. Assustada com a história, a namorada vai embora, seguida pelo parceiro, que vem logo atrás.

Construída pelas mãos do produtor Quincy Jones, do compositor hollywoodiano Rod Temperton e do ator Vicent Prince, esta narrativa de 14 minutos dá início ao melhor momento de inserção do terror na indústria do pop. Para o jornalista e crítico musical Arthur Dapieve, o clipe de *Thriller*, música homônima ao disco que vendeu 104



Eddie the Head, o mascote do Iron Maiden, banda de Heavy Metal que explora a temática do terror.

milhões de cópias até hoje é, sobretudo, fruto da percepção e da sensibilidade de Michel Jackson, artista idealizador do projeto. “*Thriller*, na verdade, é bem-humorado o tempo todo, mas muito sensível para pegar coisas que estavam no ar. E mortos-vivos sempre estiveram no ar. O clipe deu uma visibilidade específica a esse tema que é muito reproduzido no cinema. Morto-vivo, hoje em dia, é o morto-vivo de *Thriller*. Penso que marcou a sensibilidade global de uma maneira muito forte. Embora baseado em coisas feitas anteriormente, o clipe e a música foram feitos de forma muito bem-sucedida. O Michael Jackson é o cara na cultura pop que entende toda a força do clipe. A grande originalidade dele não está no que ele cantou, ou no modo em que interpretou, ou em suas letras, mas sim na sacada dele de como é importante trabalhar a imagem em um clipe” – analisa o jornalista, fazendo referência à série americana *The Walking Dead*, em que zumbis são os grandes vilões da saga.

De acordo com o livro *1001 músicas para se ouvir antes de morrer*, o clipe ia ao ar duas vezes por hora no canal MTV em 1984, ano em que foi lançado. Com um custo avaliado em mais de meio milhão de dólares, a filmagem entrou para o *Guinness Book*, o *Livro dos Recordes*, como o clipe de maior sucesso de todos os tempos.

Para Dapieve, a indústria da música se modificou por inteiro após o lançamento de *Thriller*, elevando o nível de exigência das produções dos artistas e solidificando de vez a cultura do vídeo atrelada à música: “Se pegarmos os clipes da era pré-*Thriller* e pré-Michael Jackson, eles são uma

ilustração muito pobre e capenga. Depois dele, a gente passou a ter história, uma grande produção por trás, que, muitas vezes, culmina em um trabalho caríssimo. Passou-se a entender aquilo não só como uma coisa séria, como produto, mas como uma narrativa. É, claramente, um curta”.

Terror e heavy metal

Não é apenas a música pop – leia-se aqui pop como oposto aos outros estilos musicais de massa – que explora o terror em sua arte. A vertente do *heavy metal*, ou melhor, rock pesado, de metal, é aquela que tem o tema diretamente vinculado ao seu estilo. Bandas internacionalmente consagradas, como Black Sabbath, AC/DC e Iron Maiden, construíram sua identidade com atitudes raivosas e logotipos agressivos. Não foi à toa que o líder do Sabbath, Ozzy Osbourne, mordeu a cabeça de um morcego durante um show. Ou que o mascote do Maiden, Eddie the Head, seja um morto-vivo.

Porém, de acordo com Dapieve, as bandas mais ligadas ao tema do horror são as norueguesas, que exacerbam nas atitudes, queimam igrejas e até matam pessoas: “É um subtema do metal muito pesado. Um dos símbolos desses grupos é a cruz de cabeça para baixo. O inferno e os outros temas correlacionados representam uma expressão de contracultura. Tem até um teor de protesto embutido nesse culto que é mais cenográfico. Particularmente, também penso que o terror fala da esperança de que haja uma outra vida, seja o inferno ou o paraíso. No fim das contas, o terror é sempre um flerte com a esperança de que isto aqui não vai acabar quando morrer. É um aspecto interessante”.

Puppets

Seja no repertório ou no visual, o terror se faz presente constantemente no cenário musical. Desde 1981, com a criação da banda norte-americana Metallica, que tinha o horror no repertório principalmente por influência do guitarrista Kirk Hammet, fã do lado negro, muitas bandas passaram a adotar o pânico musical como identidade ou característica. Entre as influenciadas está a Slipknot, criada em 1995, que adota as máscaras exclusivas e aterrorizantes como marca da banda. Em uma combinação dessas influências internacionais com a energia da adolescência e a atmosfera musical causada pela volta do Rock in Rio à cidade carioca em 2011, cinco jovens decidiram criar uma banda de metal seguindo essas características de medo e horror.

A Puppets From Hell, que hoje adota somente a primeira parte do nome, é uma banda do Rio de Janeiro que apostou neste tipo de identidade. Embalados pelo show do Slipknot no Rock in Rio de 2011, os jovens decidiram unir a vontade musical ao espírito aterrorizante no grupo que atua até hoje. Segundo Yuri Hildebrand, que é baixista e está no grupo desde o início, a apresentação dos americanos representou a última motivação necessária. “Nós ficamos alucinados com aquela energia que vimos no palco. O vocalista na posição de anônimo, que tinha a face e as expressões escondidas e neutralizadas, é um pouco aterrorizante. A meu ver, esse anonimato causava um desconforto unânime no público”, lembra Yuri que, ao criar a Puppets, decidiu reproduzir esse mesmo efeito. “Nós concordamos em comprar algumas máscaras para experimentar e aderimos à ideia. Eu acho que, desta forma, com o Danilo [Botelho, vocalista] estando com a face coberta, cria-se um ar misterioso e chocante na apresentação” – ressalta.

E as influências não param por aí. Da mesma forma que a Metallica teve sua importância na criação dos mascarados americanos, a banda de James Hetfield, Robert Trujillo e cia. também foi referência para os cariocas. Como explica Yuri, o grupo de Los Angeles tem uma história parecida com a da Puppets: “Eles também começaram com 17 anos, assim como a gente. Outra explicação, desta vez pela escolha do metal como gênero musical do nosso grupo, está relacionada à idade e à energia da adolescência. O metal é um estilo que dá liberdade para o músico se exaltar no palco. Apesar de poder ser um estilo cadenciado, não é por isso a nossa escolha. O peso



Apresentação da banda Slipknot no Rock in Rio de 2011

do metal preenche um vazio de vontade de exaltar uma força e uma energia que possa ter no dia a dia”.

Além da Metallica, outros grandes nomes do cenário do rock mundial ajudaram a formar a identidade que combina terror e metal da Puppets. Porém, de acordo com Yuri, esse contato vem bem antes da criação da banda: “Muita gente que começou a ouvir heavy metal foi por influência dos pais com bandas mais antigas, como Black Sabbath e Deep Purple. Com o tempo, esses filhos passaram a se identificar com músicas mais pesadas e resultaram nas nossas preferências de hoje. Essas bandas servem como referências para nós por admirarmos os riffs e a criatividade no palco. Elas continuam fazendo shows e arrastando milhões de pessoas por onde passam. Isso é bem marcante nas apresentações”.

Com o tempo e o amadurecimento dos integrantes, a Puppets passou por transformações. Adequando-se um pouco mais ao cenário comercial da música, o grupo optou por fazer transformações que vão desde o visual ao nome da banda, passando, claro, pelo repertório. “No início, tocávamos muito thrash metal, que é mais rápido, rasgado, indefinido e até um pouco sujo. Hoje, nós estamos em uma vibe bem mais grunge e stoner. Não tem muito a ver com a ideia do terror. Nós diminuímos esse aspecto com o tempo”, relata o baixista, que continua a admirar e acompanhar bandas que seguem com o estilo terror na identidade. 🎩



Danilo Botelho, vocalista da banda Puppets From Hell, vê a máscara como uma forma de neutralizar as suas expressões

Rock Terror Show

Seja por identificação ou por transgressão, o terror se faz presente na música frequentemente. E não são poucos os exemplos de bandas que apostam nesse clima tenso como marca registrada. Por isso, listamos quatro grupos que exemplificam e mostram como essa característica aparece na carreira desses músicos ou personagens

Kiss

Considerado um dos melhores e mais antigos exemplos, o quarteto de Nova York mergulhou fundo no conceito do terror em suas músicas. Para eles, a medida adotada para traduzir essa proposta são as maquiagens que escondem a identidade dos componentes. Ícone do grupo, o vocalista Gene Simmons, que ganhou o pseudônimo de "demônio" por causa da caracterização, e combinou duas de suas grandes paixões à pintura que virou símbolo do Kiss: filmes de terror e histórias em quadrinhos.



A banda Kiss aposta na maquiagem para levar o clima tenso ao palco

Alice Cooper

Outro exemplo de artista que adora combinar rock e terror é o astro do "show rock", Alice Cooper. No auge da sua carreira, suas apresentações eram incansavelmente com-



Alice Cooper e sua jiboia durante o show

mentadas pela mistura de rock pesado, clima tenso e letras que beiravam o mórbido. Em seus shows, dois momentos eram extremamente aguardados pelos fãs: quando o cantor tinha a cabeça "decapitada" por uma guilhotina, e quando cantava com seu animal de estimação. E claro, não era um cachorro e nem um gatinho. Alice Cooper levava para os palcos uma gigantesca jiboia para acompanhá-lo em alguns clássicos da carreira.

Black Sabbath

Uma das pioneiras no heavy metal e na combinação música com terror, a banda já surgiu com o clima tenso em seu DNA. Desde o primeiro disco, lançado em 1969, o grupo apresenta canções que preenchem o assustador em todas as opções. Segundo o guitarrista da banda, Tony Iommi, a ideia de agregar o medo à identidade da Black Sabbath veio depois que ele viu uma enorme fila para um filme de terror. Para ele, se as pessoas pagavam para ir ao cinema e ficar com medo, o mesmo aconteceria em um show. A suposição de Iommi deu certo. Até hoje a banda segue a linha do terror musical.



Representante do rock gótico, a Bauhaus apostou na combinação do clima dos vampiros em suas canções

Bauhaus

Símbolo do rock gótico, a banda mistura o clima dos vampiros nas suas músicas há mais de 30 anos. Um dos exemplos

mais clássicos da dobradinha terror e música é o clipe Mask, que foi feito a partir da estética do cinema alemão do século XX. Tensões à parte, Bauhaus mantinha um ácido e indispensável bom humor e ainda combinava canções dançantes e pop na carreira.



Black Sabbath foi a pioneira no estilo heavy metal

O MEDO NA LITERATURA

De vampiros a lobisomens, figuras monstruosas assombram gerações literárias há tempos

JULIANA REIGOSA E JULIANA VALENTE

Dos mitos aos livros sombrios, dos contos de terror às histórias de suspense, horror e ficção científica, a literatura do medo cada vez mais conquista leitores. Desde a Antiguidade, o interesse pelo desconhecido leva o homem a criar lendas folclóricas e episódios mitológicos para explicar o que não entende ou conhece. Para muitos estudiosos, a Grécia Antiga é o berço desse tipo de literatura, por ser responsável por histórias como a do Minotauro, o monstro com cabeça de touro e corpo de gigante que vive em um labirinto. Outra criação dos gregos que faz sucesso até hoje é a Medusa, a terrível criatura com cabeleira formada por serpentes e olhar petrificante.

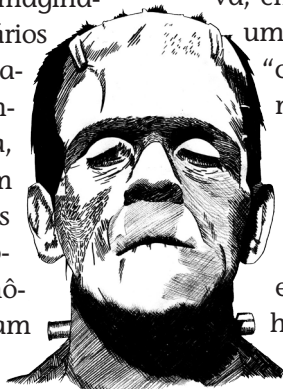
Ao longo dos tempos, a literatura do medo se desenvolveu bastante no mundo. No século XVIII, o estilo gótico construiu narrativas através do uso da psicologia do terror e do imaginário sobrenatural. Cenários como castelos assustadores e masmorras sombrias ganharam força, ao mesmo tempo em que criaturas pavorosas como bruxas, lobisomens, fantasmas, demônios e vampiros foram explorados intensamente.

Já no século XIX,

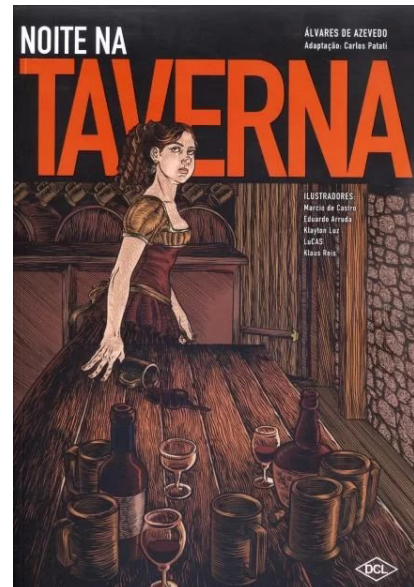
surgiu a figura de Frankenstein – doutor que deu vida ao monstro conhecido pelo nome de seu criador –, idealizado em 1816 pela britânica Mary Shelley, na época com 19 anos. Em 1897, o irlandês Bram Stoker criou o Conde Drácula. A história do icônico vampiro tornou-se a mais famosa dos personagens na literatura mundial.

No Brasil, a literatura macabra deu os primeiros passos no século XIX, com José de Alencar e Álvares de Azevedo. Apesar do primeiro ser considerado um dos principais nomes do Romantismo brasileiro, no início da carreira o escritor experimentava dois modelos para criar romances: o primeiro, risonho e leve, inspirado em narrativas pitorescas; outro “merencório, cheio de mistérios e pavores”, fruto das novelas que lera, como registrou no livro *Como e porque sou romancista*, de 1893. Ainda de acordo com José de Alencar, este segundo começava, em geral, “nas ruínas de um castelo” ou em alguma “capela gótica frouxamente esclarecida”.

Por sua vez, Álvares de Azevedo escreveu *Noite na taverna*, que hoje é considerado a expressão máxima do horror nacional. O livro é uma antologia de contos do autor brasileiro ultrarromântico.



Frankenstein criado por Mary Shelley



Álvares de Azevedo escreveu Noite na taverna, considerado a expressão máxima do horror nacional

Publicada em 1855, três anos após a morte do autor, a história é dividida em sete capítulos, e narrada por um grupo de cinco rapazes que estão abrigados em uma taverna.

Na época, esse tipo de literatura era comum entre os acadêmicos, o que permitia tonalidades extremamente violentas. Porém, a partir da segunda metade do século XIX, os textos de horror deixaram de ser restritos a esse meio e começaram a ser impressos nos jornais de maior circulação. Essa migração, que visava alcançar um público mais amplo, teve como consequência a suavização das histórias, através de abordagens que promovem o aspecto lúdico do medo ficcional, o que resultou na perda de cenários com ruas

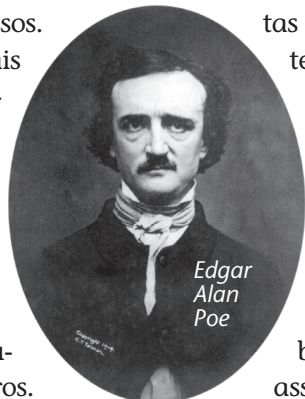
curas e noites de excessos.

As narrativas mais leves com dramas sentimentais passaram a dividir espaço com os mistérios assustadores. Mas, antes de ganhar as páginas dos jornais, a literatura do medo já fazia sucesso entre os brasileiros.

O pesquisador de literatura fantástica e de ficção científica Braulio Tavares ressalta que esse tipo de literatura sempre esteve mais presente na cultura popular, na memória oral, do que na literatura oficial: “As histórias de assombração brasileiras são em grande parte histórias avatares, arquetípicas, réplicas estruturalmente fiéis de narrativas do mundo inteiro, de mil ou 2 mil anos atrás. E há sem dúvida uma grande parte que é resultado de cinco séculos de vida imaginativa. Durante o Romantismo, tivemos alguns flertes com o horror europeu, como na obra *Noite na taverna*, de Álvares de Azevedo, mas as histórias de medo sempre tiveram boa resposta de público nos quadernos brasileiros e no nosso rádio”, disse.

O que é a literatura do medo?

Apesar da semelhança na nomenclatura, as literaturas de terror e horror possuem particularidades e são bem distintas em seus objetivos. A primeira tem uma vertente representada especialmente por Edgar Allan Poe, considerado “O pai dos contos de terror”. Neste tipo, existem histórias que provocam medo por conter elementos do sobrenatural, sombrio, macabro, associados mui-



tas vezes a componentes característicos, por exemplo, da ficção científica. Já a literatura de horror tem elementos essencialmente da natureza psicológica que não abordam nada de sobrenatural. Falam de assassinato, tortura, de assuntos que causam arrepio e apreensão e estremecem o corpo do leitor.

Na tese *Medo e terror na literatura infanto-juvenil brasileira*, a professora associada do Departamento de Letras da UFRJ, Rosa Gens, aborda essa diferença. Segundo a docente, o horror é uma reação física, enquanto o terror seria uma reação provocada pelo sobrenatural, pelo desconhecido.

A linha tênue entre o horror e o terror fez com que estudiosos tenham adotado nos últimos anos a classificação de “literatura do medo” para abranger os dois gêneros. Junto às histórias de terror e de horror, se misturam narrativas de suspense e de ficção científica, ou seja, histórias fantásticas. Braulio é um desses pesquisadores que preferem usar essa denominação.

“Por contaminação da literatura de língua inglesa, tendemos a designar essa estante com a palavra horror, que é o termo preferido em inglês. Horror, como já foi definido por alguém, é mistura do terror com a repulsa. Portanto, é mais grave que o terror. Já o medo é algo que encamparia não apenas um horror tipo Lovecraft, mas também um tipo de escrita e de temática mais leve, como as de algumas obras de Ray Bradbury, de Neil Gaiman,

e filmes de Tim Burton ou Roger Corman. São também histórias de medo, temperadas não pela repulsa, mas por outros componentes dramáticos: o humor, o bizarro, ou a estilização – explica o estudioso, que é escritor e compositor”, explicou.

Por que sentir medo?

O medo é real, mas a criatura que o provoca não. O universo do medo exerce um grande fascínio entre os espectadores ao se articular com o que é paradoxalmente estranho e íntimo de cada um. A atração pelo gênero provém de uma curiosidade natural do homem de querer conhecer e experimentar o medo com uma relativa segurança. Para a psicóloga Ana Cristina Cantarino, no momento em que o espectador está diante de uma cena horripilante, sente pavor e, de certa forma, prazer, já que possui a certeza de não estar passando por um perigo real. Ana explica que essa sensação prazerosa pode ser sentida quando a pessoa vivencia o medo com uma distância psicológica, sem colocar em risco a própria integridade. “Por que a pessoa gosta de ler textos de horror, ver filmes de terror, séries de televisão macabras? Porque ela quer descarregar a adrenalina em uma sensação de perigo, ao mesmo tempo em que busca uma sensação de prazer. Caso contrário, não existiriam livros de bruxas e demônios, filmes de vampiro, séries de TV sobre fantasmas, entre outras produções do gênero. O contrário acontece com cenas que a pessoa assiste involuntariamente, como um incêndio, um terremoto, um assassinato, uma morte. Esses são episódios reais que a pessoa não

sente prazer. Porém, um livro de terror procurado voluntariamente tem como motivação algum tipo de prazer”, comentou.

Os maiores autores da literatura do medo

A grande referência viva no gênero do medo é o escritor americano Stephen King, reconhecido em todo o mundo como um dos principais escritores de contos de terror, horror fantástico e ficção. As obras de King, que frequentemente estão nas principais listas de best-sellers, já venderam mais de 360 milhões de cópias e foram publicadas em mais de 40 países. Entre os clássicos do mestre do terror moderno estão *O iluminado* (1977), *Carrie* (1974) e *Doutor Sono* (2013). Além disso, seu trabalho já foi adaptado para dezenas de filmes produzidos em Hollywood.

Antes de King, outros dois americanos foram muito importantes para consolidar o gênero no mundo: Edgar Allan Poe e Howard Phillips Lovecraft. Apesar de terem vivido em épocas diferentes, ambos contribuíram para acentuar a dicotomia entre terror e horror. O terror de Poe é mais explícito, enquanto em Lovecraft é sugerido e oculto. A obra de Poe se concentra no universo das histórias de terror psicológico, loucura, doenças, assassinatos, mistério e sobrenatural. Publicado em 1845, *O corvo* é um dos clássicos do autor. Já a obra de Lovecraft faz referência a monstros, divindades ancestrais e horrores antigos. O escritor é conhecido por usar a primeira pessoa para se aproximar do leitor e perturbá-lo. Entre os contos célebres do autor está *O chamado de Cthulhu*, escrito em 1926.

De acordo com Lovecraft, é com



O escritor americano Stephen King, mestre dos contos de terror

Poe que se estabelece um novo direcionamento para a literatura do medo. Em *O horror sobrenatural na literatura*, ele reconhece que “seu tipo de visão pode ter tido precursores, mas foi Poe o primeiro a dar-se conta das suas possibilidades e de dar-lhes forma suprema e expressão sistemática”.

A partir de Poe, a temática do medo passou a ser abordada por meio de uma constante sensação de terror, e não através de imagens aterrorizantes e sanguinolentas. O tema central das obras do escritor do século XIX era a oscilação entre o imaginário e o real.

Grande admirador de Poe, Braulio Tavares organizou em 2010 *Contos obscuros de Edgar Allan Poe*, uma antologia em homenagem ao escritor americano: “Poe ajudou a cristalizar algumas estruturas narrativas do conto moderno, de modo que dificilmente haverá um contista que não acuse alguma influência dele, mesmo indireta. A literatura de Poe despertou em mim desde cedo o interesse pela criptografia (textos cifrados) e pelos estados alterados de consciência.”

Panorama da literatura do medo no Brasil contemporâneo

No Brasil, a literatura do medo não encontra grande desenvolvimento atualmente. Embora o país tenha um imaginário repleto de mitos e lendas, quando se trata de obras com temática sombria, principalmente destinadas a adultos, são poucos os empreendimentos no gênero. Para Braulio Tavares, há mais espaço para ser lido no Brasil para quem faz horror, terror e fantasia macabra do que para quem faz ficção científica. “A literatura do medo talvez seja a única capaz de atingir 100% dos leitores. A ficção científica é, embora não por um propósito seu, só para quem pode”, analisa.

Em um cenário marcado pela internacionalização do mercado literário e pulverização da produção – no qual as novas mídias digitais, a blogosfera (todos os blogs como uma comunidade) e as redes sociais revolucionaram a literatura –, os escritores ainda esbarram nas dificuldades de um mercado irregular e simpático às celebridades instantâneas. Tava



Raphael Montes

res alerta: “se o escritor quer se lançar no mercado para ganhar muito dinheiro, é melhor fazer como muitos estão fazendo: fica famoso por outra coisa, e faz o livro depois”.

Aos 26 anos, Raphael Montes, destaque na literatura policial brasileira, sabe bem o que é isso. Em 2012, encontrou dificuldade para publicar o primeiro livro, *Suicidas*. “O mercado editorial brasileiro é cruel. Existem prêmios literários a autores estreados e algumas editoras começam a abrir os olhos para jovens, mas a verdade é que publicar o primeiro livro é complicado”, ressalta o carioca. Ele acrescenta: “Na medida em que o primeiro livro é publicado, você é tachado como promessa, jovem revelação da literatura. A questão é que, quando você é promessa, logo precisa provar que consegue se manter. Não pode chegar ao quinto livro ainda sendo a promessa de um grande futuro escri-



André Vianco, o Senhor do Terror Nacional

tor. Tem que passar a ser o próprio êxito e ter sua qualidade literária” reforça Montes, que coleciona elogios de nomes como o escritor americano Scott Turow, autor dos romances *Acima de qualquer suspeita* (1987), *O ônus da prova* (1990) e *O inocente* (2010).

Na visão do crítico literário e professor titular da PUC-Rio, Karl Erik Schøllhammer, ter voz própria é o que diferencia o escritor que entra no mercado e é lido pela novidade, mas desaparece na hora de tentar se reproduzir, daquele que se firma. “Esse ainda é o grande desafio para muitos, e é difícil dizer, por exemplo, quais são os autores que daqui a 20 anos ainda vão permanecer no mercado”, aponta.

Ele lembra que muitos migram para outros segmentos que envolvem escrita, como roteiristas e jornalistas. Para o crítico literário e tradutor Márcio Seligmann-Silva, o grande desafio para novos escri-

tores é a pulverização da produção literária: “Quem escreve quer criar um nome, se destacar, mas como fazer isso em uma cultura que tende para a horizontalização da massa, perdendo-se em cadeias de redes horizontais? Os que despontam são ou criações efêmeras do mercado, ou conseguiram estabelecer um vínculo com os agenciadores do mercado literário, como a academia e os críticos literários”, falou.

De opinião semelhante à de Seligmann-Silva, Tavares ressalta que o autor que escreve pensando no público, e não na história que conta, corre o risco de não ter público nenhum: “Tem que haver a hora de estudar e avaliar o próprio mercado editorial e a carreira. Escrever com um olho no público é fatal e funciona somente depois que você já ficou milionário. O público gosta de histórias escritas usando os dois olhos. Se aquilo não for envolvente nem para você,



Raphael Draccon, à esquerda e Eduardo Spohr, à direita, integram a nova geração nacional de escritores do medo

que está criando, como vai ser para mais alguém?” – comentou.

Escritores brasileiros em ação

Na capa de *O vilarejo*, primeira incursão de Raphael Montes pelo horror, a atriz e escritora Fernanda Torres ressalta que o carioca “cria uma seleção de histórias macabras digna dos melhores contos dos Irmãos Grimm, sem deixar nada a dever a Stephen King”. Na obra em questão, publicada em 2015, o autor, considerado o “Príncipe do Horror Nacional”, explora elementos do horror gótico e suspense para criar sete histórias situadas em um vilarejo isolado. No fim da leitura, as narrativas, que podem ser lidas em qualquer ordem, convergem para uma única e surpreendente solução.

Além de Raphael Montes, outro brasileiro que tem consegui-

do consolidar o gênero no país é André Vianco, de 40 anos. Considerado o “Senhor do Terror Nacional”, ele é reconhecido por livros sobrenaturais que mesclam terror, suspense, fantasia e romance, em histórias que envolvem, na maior parte das vezes, a temática de vampiros. Entre as principais obras de Vianco estão *Os sete*, *A noite maldita: as crônicas do fim do mundo* e *O caso Laura*.

A lista dos escritores que têm conseguido contribuir, aos poucos, para formar um público de literatura do medo no Brasil ainda inclui nomes como Eduardo Spohr e Raphael Draccon. Ambos são destaques por obras com temática da fantasia. Spohr, de 40 anos, é autor de *A batalha do Apocalipse*, da trilogia *Filhos do Éden*. Já Draccon, de 35 anos, é conhecido pela trilogia *Dragões de éter*. Além disso, ao lado de Raphael Mon-

tes, Draccon integra a equipe de roteiristas da nova série de terror da TV Globo, *SuperMax*, comandada por Marçal Aquino e Fernando Bonassi.

Monstros brasileiros

No Brasil, as lendas, os mitos e o folclore sempre forneceram material para histórias contadas oralmente sobre o medo sobrenatural, principalmente em espaços rurais. No entanto, a ausência de uma tradição de obras literárias sobre personagens nacionais chamou a atenção do escritor Braulio Tavares. De acordo com o pesquisador, a literatura fantástica se alimenta muito de personagens da mitologia grega e de outras culturas, enquanto pouco se lê sobre os seres fantásticos criados e reproduzidos na extensa herança literária brasileira. A partir de então, ele escreveu o livro *Sete monstros brasileiros*, que reúne, em sete contos, histórias inspiradas nas criaturas da mitologia nacional, como o lobisomem e a Iara. Conhecido como um dos maiores especialistas da literatura fantástica no Brasil, Tavares ressalta que o objetivo do livro era explorar, mesmo que de maneira limitada, o rico material do folclore nacional: “Podemos pegar o monstro do jeito que existe em nosso folclore e dar a ele uma roupagem nova, de acordo com as necessidades do conto que estamos escrevendo. Eu usei sete monstros no meu livro (Iara, lobisomem, papa-figo, bradador, porca, zumbi, carbúnculo), mas há dezenas que poderei usar em uma coletânea futura. Estão todos lá, à disposição da imaginação de cada escritor”, explicou. 🧛‍♂️

Sete monstros brasileiros

Instigado pela riqueza dessa tradição, Braulio Tavares reuniu, em sete contos inéditos, histórias inspiradas nas criaturas monstruosas da mitologia brasileira, compondo uma coletânea de aventuras protagonizadas por alguns dos personagens mais assustadores conhecidos no Brasil

Bradador - É um duende que assusta os sertões dos Estados de Santa Catarina, São Paulo, Minas Gerais e Paraná. Emite berros altos, compassados, intermitentes e horríveis. Atravessa os campos, correndo, todas as sextas-feiras, depois da meia-noite. É uma alma penada



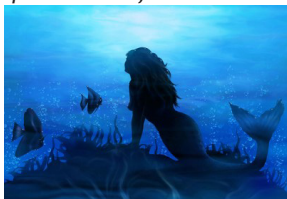
ROGÉRIO CASAGRANDE

Carbúnculo - O carbúnculo é uma espécie de animal místico que teria sido avistado na América do Sul pelos primeiros conquistadores espanhóis. Carbúnculos geralmente são descritos como pequenos animais – gatos, cães ou até aves. O que torna um carbúnculo diferente dos animais comuns é uma joia que ele possui encravada em sua testa. Esta joia lhe confere habilidades especiais, como a capacidade de emitir raios de luz e sentir a emoção e a personalidade das pessoas. Ele usa seus raios para cegar pessoas gananciosas que estejam à procura de sua joia, mas, caso encontre com uma pessoa humilde, a joia cairá de sua testa e será entregue para este sujeito.



ARTE BLOG PORTAL DOS MITOS

lara - Segundo a lenda, a lara é uma sereia que vive no rio Amazonas e canta uma melodia irresistível, atraindo os homens. Ela tem o poder de cegar quem a admira e levar para o fundo do rio qualquer homem com o qual ela desejar se casar.



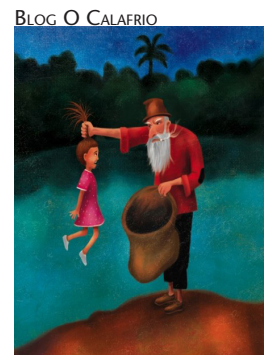
BRASIL ESCOLA



SITE TEU OLHAR

Lobisomem - A figura do lobisomem é a de um monstro que mistura formas humanas e de lobo. Segunda a lenda, quando uma mulher tem sete filhas e, depois, um homem, esse último filho será um lobisomem.

Papa-figo - Conhecido também como o famoso "Homem do Saco", o papa-figo, ao contrário dos outros mitos, não tem aparência extraordinária. Parece mais uma pessoa comum. Outras vezes, pode parecer um velho esquisito que carrega um grande saco às costas. Ele sofre de uma doença rara e sem cura. Para aliviar os sintomas dessa terrível enfermidade ou maldição, o Papa-Figo precisa se alimentar do fígado de uma criança.



BLOG O CALAFRIO



SITE SÓ HISTÓRIA

Porca dos sete leitões -

Conta a lenda que uma baronesa praticava muitas maldades contra seus escravos e, eles cansados de tanta crueldade, resolveram tomar uma atitude.

Um feiticeiro lançou uma magia na baronesa e a transformou em uma porca. Consequentemente os seus sete filhos foram transformados em porquinhos. Segundo dizem, a sina deles é andar fuçando com o focinho no chão à procura de um anel enterrado. Quando encontrarem esse anel, quebrarão o feitiço e voltarão a ser o que eram.

Zumbi - Segundo historiadores, nos contos das amas de crianças, era esse o nome de uma entidade misteriosa, uma espécie de feiticeiro, retraído, frequentador das ruas desertas às altas horas da noite.

SITE FOLCLORE BRASILEIRO ILUSTRADO



Para saber mais

- <http://www.darksidedbooks.com.br/voce-darksiders/> (Editora DarkSide)
- <https://sobreomedo.wordpress.com/> (Blog Sobre o Medo)

HISTÓRIAS DE TERROR PARA AS CRIANÇAS BRASILEIRAS

NICOLAS LEITE

Os prós e contras para o público infantil na visão de especialistas

ANDRESSA PESSANHA E FERNANDA PINA

O terror conquista também as crianças. Na literatura infantil, os monstros, bruxas, fantasmas e casas mal-assombradas estão cada vez mais presentes, tanto no âmbito internacional como no nacional.

A inserção dessas figuras mais imaginárias nas narrativas, entretanto, não é arbitrária, segundo especialistas. De acordo com a autora do livro *Histórias de terror para crianças*, Fernanda Chazan Briones, a personificação dos medos em criaturas fantasiosas tem o objetivo de estimular a imaginação do público infantil e de deixar a história de terror mais lúdica. “Ao contrário dos adultos, e até mesmo dos jovens, as crianças não conseguem lidar com cenas truculentas ou demasiado chocantes. Por isso, é necessário que haja uma clara divisão entre o que se diz terror e o que se diz mistério. Caso contrário, não estaremos atijando a imaginação delas.

No entanto, autores de livros infantis de terror frisam que não seguem necessariamente uma fórmula na produção das suas histórias. A autora de *Monstros e mundos misteriosos*, Heloísa Prieto, por exemplo, adiciona elementos de humorísticos nas narrativas. Essa inclusão, segundo ela, é uma maneira de cativar os pequenos leitores. “Não há fórmulas para uma boa história, seja ela de terror ou outros gêneros. O mais importante é que ela emocione e instigue primeiramente quem a escreve. No caso dos pequenos leitores, gosto de trabalhar na linha do terror, terror para rir, adicionando humor ao suspense”.

Mas, para especialistas, os efeitos das histórias



Escritora Fernanda Chazan Briones

de terror no público infantil nem sempre são positivos. De acordo com a professora do departamento de psicologia da PUC-Rio Sara Kislánov, o consumo exacerbado delas pode despertar, em casos extremos, sentimentos inesperados nas crianças, como a violência. “Em termos de mente humana, a criança tem modelos. Em alguns momentos do desenvolvimento, a criança vai por imitação. Então, diante de uma violência, ela vai ficar violenta. E até depois, na vida adulta, pode questionar isso. Se tiver um adulto ao lado explicando, acredito que a reação seja muito menos negativa e mais positiva”.



Heloísa Prieto

Já a professora do curso de extensão “Bruxas boas ou más? O arquétipo da bruxa e sua representação na literatura infantil” da PUC-Rio, Nanci Gonçalves, aponta que a probabilidade desse tipo de narrativa tornar as crianças violentas é nula. O que poderia, de fato, prejudicar o desenvolvimento do jovem leitor seria, de acordo com ela, é o desinteresse pela leitura: “Os contos infantis de terror ajudam a criança a exteriorizar o desconhecido e a lidar com ele. Nesse sentido, os pais devem estar atentos com a falta de interesse pela leitura literária, que nos acrescenta tanto”.

No Brasil, pequenos leitores já entraram no mundo dos contos de terror

Guilherme, de três anos, é filho da cabeleireira Marinez Ferreira. A mãe começou a ler histórias para ele desde os 11 meses de idade, e, atualmente, o apresentou às histórias de terror. Segundo Marinez, o filho não dormia com as luzes apagadas porque achava que o quarto era rodeado por monstros: “Depois que começamos a ler histórias de terror, ele passou a se familiarizar com os personagens, pois na história o monstinho tinha mamãe e papai, como ele, ou então ele se sensibilizava com o fato de ninguém querer ser amigo do monstinho só porque ele era diferente. Depois disso, ele entendeu que eles não eram seus inimigos e nem tudo o que é diferente para ele deve assustá-lo. E nenhuma luz precisa ficar acesa agora”.



A oferta de literatura de terror para crianças ainda é pequena no Brasil

Muitas mães brasileiras seguiram o caminho de Marinez e começaram a apresentar os livros para os filhos desde cedo. Isso se reflete na pesquisa de 2014 do Instituto Pró-Livro, “Retratos da Leitura no Brasil”, que mostra um crescimento expressivo na produção de livros voltados para criança nos últimos oito anos. Em 2007, cerca de três mil títulos foram publicados, somando mais de 14 milhões de exemplares. Já em 2015, 7.800 títulos foram lançados no mercado, chegando a mais de 37 milhões. Mas, comparada a de países como Estados Unidos e Inglaterra, a produção de livros de terror infantil no Brasil ainda não é tomada como referência. Para a publicitária e responsável pelo projeto All Hallows Read Brasil, Raquel Moritz, isso acontece porque, no Brasil, os adultos têm a percepção de que esse tipo de história pode amedrontar o público infantil: “É só entrar numa livraria ou pesquisar na internet que você quase não encontra livros de terror para crianças. A percepção que as pessoas têm é de que isso vai assustar. Mas, se você olhar lá fora, em outros países, têm milhares de produções literárias de terror voltadas ao público infantil”.

De acordo com os especialistas, o gênero de terror ainda é novo no mundo dos leitores mirins brasileiros e caminham a passos lentos para um desenvolvimento mais consolidado. Ainda assim, autores da literatura infantil em geral se rendem à curiosidade das crianças e exploram cada vez mais o mistério e o medo nos livros, mesmo que estes não sejam os principais assuntos.

All Hallow's Read Brasil

Alguns autores viram no Halloween uma forma de atrair a curiosidade do público infantil para os contos de terror. O escritor e roteirista britânico Neil Gaiman – responsável por obras infantis como, Garota luminada e Os lobos dentro das paredes – aproveitou a relevância da data para promover o projeto All Hallow's Read. A ideia do britânico é fazer com que na semana do dia das Bruxas, as pessoas presenteiem seus amigos e parentes com livros de terror, principalmente as crianças. Apaixonada pelo trabalho de Gaiman, Raquel Moritz se deparou com uma postagem do escritor britânico sobre o All Hallow's Read e decidiu participar da iniciativa como leitora, dando um livro de terror para um amigo como presente de Halloween. A experiência positiva fez com que a publicitária e blogueira decidisse trazer o projeto para o Brasil. Com a aprovação da equipe de Gaiman, Raquel atua na versão brasileira desde 2015, divulgando a iniciativa por meio do blog Pipoca Musical: "Achei que poderia proporcionar isso para mais pessoas e resolvi torná-lo um projeto

do Pipoca Musical, com a devida autorização. Entrei em contato com a equipe que administra o site oficial, perguntei se havia algum problema em traduzir o projeto para cá e eles amaram a ideia de ver mais países envolvidos. Então, ainda em 2016, faremos a segunda edição do All Hallow's Read no Brasil.

Quanto ao impacto da vinda do projeto para o público infantil brasileiro, Raquel ressalta que "é difícil mensurar porque as crianças são tratadas de forma diferente no mercado literário nacional". Ela explica que, ao contrário de outros países, que têm milhares de produções literárias de terror voltadas ao público infantil, com livros para crianças de três, cinco e dez anos, no Brasil esse tipo de obra quase não é encontrada: "No exterior, eles enxergam os livros de terror como uma oportunidade de fazer a criança expandir a imaginação e trabalhar os próprios medos. Já no Brasil, a percepção é de que esse tipo de literatura vá assustar a criança".

Para tentar mudar esse cenário, Raquel fez no ano passado uma



Raquel Moritz, responsável pelo projeto All Hallow's Read no Brasil

seleção de livros de terror para crianças, adolescentes e adultos. Toda a produção foi documentada em vídeos no canal do YouTube da blogueira, que ficou feliz com o resultado: "Pais gostaram das propostas e compraram para os filhos, professores querem trabalhar os livros em escolas e muito mais. Isso é gratificante. Se mais crianças passarem a ler livros de terror, eu não sei, mas os adultos que compram para o público infantil tomaram conhecimento de que tem Clive Barker até para criança".

SITE PIPOCA MUSICAL



Fernanda Chazan Briones

A escritora paulistana Fernanda Chazan Briones, de 25 anos, é formada em Literatura Hispanoamericana e teve seu primeiro livro publicado em Buenos Aires, em 2012: Na cidade da fúria. Em 2014, lançou Histórias de terror para crianças, o primeiro livro de contos de terror infantil. A obra mexe com o imaginário infantil ao retratar bruxas ambientalistas e vampiros que se alimentam de suco de groselha. Em agosto de 2016, lançou, em coautoria com a odontóloga Bárbara Cotrin, o livro As aventuras de Daniel - O vampiro que não tinha medo de dentista, que trata da odontopediatria com fantasia, com o objetivo de estimular a escovação bucal



Capas dos livros de Fernanda Chazan Briones

Eclética: Por que escolheu escrever esse gênero para crianças?

Fernanda: Escolhi o tema graças a uma noite na praia com minha família. Meu sobrinho Daniel estava dormindo no mesmo quarto que eu e, de hora em hora, acordava no susto, com medo de zumbis. Então, criei uma história onde os zumbis, na verdade, queriam ser dançarinos do Michael Jackson, mas eram incompreendidos por nós, humanos. E então, ele riu. E não teve mais pesadelos naquela noite e nem na seguinte. Foi quando percebi que aliar o medo à descontração seria a chave para lidar com o imaginário infantil. As crianças precisam ter coragem, e para ter coragem, precisam entender que as coisas não são tão terríveis assim, como pensamos.

E: O que te inspirou a escrever histórias de terror?

F: Sem dúvidas, a paixão que sinto pela literatura de terror misturada ao amor que sinto pelas crianças. Essa onda "terror Disney" sempre me cativou. Aquele terror que assusta, mas no fim acaba divertindo, sabe? Todas crianças deveriam ter contato com histórias que elevam o imaginário e incentivam a coragem, ao mesmo tempo.

E: Como foi a reação dos seus leitores em relação aos seus livros? Foi como esperava?

F: Curiosamente, sim e não. Digo isso porque houve uma clara divisão entre meus leitores de acordo com sua faixa-etária. Tenho leitores que dizem sentir muito medo ao ler meu livro Histórias de terror para crianças, enquanto outros dizem que o leem antes de dormir numa boa. Crianças de seis a oito anos veem o livro como um conjunto de histórias que assustam; já os leitores mais velhos, entre nove a dez anos, devoram a leitura de uma só vez e logo chegam no final, sempre positivo. E essa rapidez os leva a concluir o raciocínio de maneira mais fácil. E logo o terror se mistura à criatividade lúdica, amenizando o que consideram assustador.

E: Tem alguma história curiosa por qual tenha passado com algum pequeno leitor ou leitora de contos de terror?

F: Ah, são muitas! Fica difícil escolher uma só, mas vou tentar mesmo assim. Certa vez, uma mulher entrou em contato comigo via e-mail para agradecer o que eu havia feito pela filha. Segundo ela, a menina sentia muito medo à noite, pois "via coisas que não se pode ver". A família, cética, levou a menina ao pediatra, ao psicólogo e até ao psiquiatra, que acabou receitando remédios em doses cavalares. Mas foi lendo meu livro que ela conseguiu perder o medo. A mãe disse que a filha já não dorme com a luz acesa, nem pede para deitar na cama dos pais no meio da madrugada. Ela parou de tomar remédios e hoje lê meu livro todas as noites, antes de dormir. A menina, inclusive, gravou um vídeo para mim, dizendo que me amava e que gostaria de ser escritora quando crescesse, para fazer outras crianças felizes, como eu faço. Nem preciso dizer que me emocionei, né?!

Heloisa Prieto

A pesquisadora cultural e tradutora brasileira Heloisa Prieto começou a escrever livros quando era professora do jardim de infância da Escola da Vila, em São Paulo. Hoje, tem mais de 70 obras publicadas, entre contos sobre fadas, fantasia, mitos e lendas indígenas. Conquistou ainda dois prêmios da União dos Escritores Brasileiros: um na categoria de Melhor Livro Infantil com *A princesa que não queria aprender a ler* e outro por Melhor Livro de Folclore com *Mata*. Heloisa também é a criadora de *Lá vem história*, que vendeu mais de 30 mil cópias e virou uma série televisiva na TV Cultura. No gênero de terror, *O livro dos medos* e *1001 fantasmas* estão entre os destaques da autora

Eclética: Por que escolheu o tema terror para escrever para crianças?

Heloisa: Na verdade, não escolhi esse tema especificamente. Gosto de fantasia e ficção. Mas quando publiquei *Lá vem história*, reservei um bloco especial para histórias de suspense. Os leitores adoraram, os pais polemizaram e acabou se tornando uma marca.

E: O que te inspirou a escrever histórias de terror para crianças?

H: Minha mãe gostava muito de me contar histórias assustadoras. E depois ríamos muito delas. Até hoje ela faz isso. É a melhor narradora de histórias de suspense que já vi. O estilo dela me influenciou. Ela vai contando de mansinho, como se fosse bobagem e, de repente, você percebe que está enredada numa trama complexa. Minha bisavó paterna também gostava do tema. Ela sobreviveu à gripe espanhola duas vezes, na Espanha e no Brasil. Dizia que sempre temos que ser humildes porque a morte coloca todo mundo no mesmo lugar. Ou seja, a história de suspense, na verdade, conduz a uma reflexão sobre a

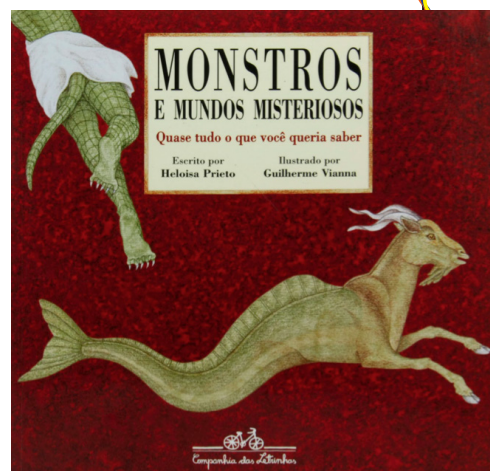
condição humana, a finitude e a impermanência.

E: Como é a interação dos leitores com as histórias de terror?

H: Cada leitor é um coautor diferente de cada texto que escrevo. Não dá para prever as reações realmente. Em geral, o suspense diverte e aproxima no sentido de que dá vontade de contar do livro para outra pessoa, como se fosse um compartilhamento de emoções. De vez em quando os leitores me perguntam detalhes que evito fornecer, senão o mistério desaparece. Mesmo assim, geralmente, eles querem saber tudinho. E eu respondo que a história acabou sozinha, que eu mesma não conheço o que não está ali explicitado.

E: Você possui mais de 70 obras publicadas, majoritariamente ficção para o público infantil e juvenil, e o terror apareceu mais tarde. A abordagem desse gênero impactou, de alguma forma, sua carreira?

H: Quando comecei com o tema, eu era a única e tive que enfrentar



críticas e polêmica. Mas agora há vários autores que escrevem sobre o tema muitíssimo bem, como o André Vianco e Flávia Muniz. Por outro lado, na tradição oral, sempre surgiam as histórias de assombração, as lendas urbanas, como a loira do banheiro. Então, de certo modo, o gênero sempre teve muita força. Machado de Assis tem um conto genial, *A cartomante*, que tem um toque de terror muito sutil. É um texto instigante e primoroso.

Para saber mais

- All Hallow's Read Brasil: <http://pipocamusical.com.br/all-hallows-read-brasil/>
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Terror_\(g%C3%AAneros\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Terror_(g%C3%AAneros))
- Curso "Bruxas boas ou más? O arquétipo da bruxa e sua representação na literatura infantil": <http://www.cce.puc-rio.br/sitecce/website/website.dll/folder?nCurso=bruxas-boas-ou-mas?&nInst=cce>
- http://prolivro.org.br/home/images/2016/RetratosDaLeitura2016_LIVRO_EM_PDF_FINAL_COM_CAPA.pdf
- <http://educarparacrescer.abril.com.br/leitura/18-dicas-leitura-quem-gosta-levar-sustos-738057.shtml>
- <http://super.abril.com.br/blogs/cultura/terror-tambem-e-coisa-de-crianca-neil-gaiman-reimagina-joao-e-maria-em-graphic-novel-sombria/>
- <http://www.letras.ufrj.br/linguisticaaplicada/site/dissert/ritachagas.pdf>